A IMPORTÂNCIA DOS INSTINTOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO: UM RECORTE NIETZSCHEANO

Marcos Vitor Costa Castelhana 1*
Vinícius Silveira Leite 2*
Délis Sousa Benevides 3*
Andréia Lílite de Souza Leite 4*
Gerlane Costa dos Santos 5*
Hugo Horácio de Lucena 6*

Resumo: A discussão sobre os instintos permeou grande parte do pensamento filosófico-científico, nascendo inúmeras teorias e discussões sobre sua afluência perante a constituição do ser humano em sua pluralidade. Em meio das visões particularidades, alguns teóricos recorreram em face desta temática específica, atingindo reflexões que ultrapassam a superficialidade pejorativa, buscando, sobretudo, a valorização dos aspectos instintivos para formação do homem, estando entre eles Frederich Nietzsche. Com isso, o autor promove, através de seus aforismos, uma visão diferenciada ante a noção de instinto, uma vez que vai além das concepções racionalistas que criticam os elementos corpóreos e edificam a primazia da razão como guia definitivo das ações dos sujeitos. Para suas colocações, Nietzsche desenvolve escritos objetivados em desvelar o ressentimento do povo ocidental, além de questionar o papel das religiões, principalmente as de base cristã, e parte dos grandes pensadores que influíram no arcabouço ideológico das sociedades europeias. Portanto, visando uma breve reflexão sobre o assunto citado, tal trabalho trouxe algumas colocações do filósofo em face da importância dos instintos para a constituição do ser humano, almejando uma expressão dialética entre os limites e as suposições impulsionais em frente da formação e da trilha existencial do ser enquanto ser.

Palavras-chave: Nietzsche. Instinto. Constituição.

Abstract: The discussion about instincts permeated much of the philosophical-scientific thinking, giving rise to innumerable theories and discussions about its affluence before the constitution of the human being in its plurality. In the midst of the particular views, some theorists spoke in the face of this specific theme, reaching reflections that go beyond the pejorative superficiality, seeking, above all, the valorization of the instinctive aspects for the formation of man, being among them Frederich Nietzsche. With this, the author promotes, through his aphorisms, a different view before the notion of instinct, since it

1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: viniciusleite@hotmail.com

* 3 Graduanda do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 4 Psicóloga Atuante. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: lilitepsico@gmail.com

*5 Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP)
E-mail: hugohoraciol@gmail.com

*6 Psicóloga Atuante. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Saúde Mental (Facisa) e em Saúde Coletiva (Uninter). Mestranda em Ciências da Educação (FACSU). Doutoranda pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES). Email: gerlanepsic12@hotmail.com

goes beyond the rationalist conceptions that criticize the corporeal elements and build the primacy of reason as the definitive guide of the subjects' actions. For his statements, Nietzsche develops writings aimed at unveiling the resentment of the Western people, in addition to questioning the role of religions, especially those with a Christian base, and part of the great thinkers who influenced the ideological framework of European societies. Therefore, aiming at a brief reflection on the mentioned subject, such work brought some philosopher's positions in face of the importance of instincts for the constitution of the human being, aiming for a dialectical expression between the limits and the impulse assumptions in front of the formation and the existential path of being while being.

Keywords: Nietzsche. Instinct. Constitution.

Introdução

A discussão sobre os instintos permeou grande parte do pensamento filosófico-científico, nascendo inúmeras teorias e discussões sobre sua afluência perante a constituição do ser humano em sua pluralidade contextual (COTRIM; FERNANDES, 2011; COTRIM, 2007). Em meio das visões particularidades, alguns teóricos discorreram em face desta temática específica, atingindo reflexões que ultrapassam a superficialidade pejorativa, buscando, sobretudo, a valorização dos aspectos instintivos para formação do homem, estando entre eles Frederich Nietzsche (1992).

Com isso, o autor promove, através de seus aforismos, uma visão diferenciada ante a noção de instinto, uma vez que vai além das concepções racionalistas que criticam os elementos corpóreos e edificam a primazia da razão como guia definitivo das ações dos sujeitos. Para suas colocações, Nietzsche (1999) desenvolve escritos objetivados em desvelar o ressentimento do povo ocidental, além de questionar o papel das religiões, principalmente as de base cristã, e parte dos grandes pensadores que influíram no arcabouço ideológico das sociedades europeias.

Para este estudo, buscaram-se obras do pensador que coadunassem com o tema abordado, estando entre elas: Nascimento da Tragédia, Genealogia da Moral, Assim Falou Zaratustra, Gaia Ciência, *Ecce Homo*, Crepúsculo dos Ídolos, entre outras. Além disso, explanaram-se artigos e postulados encontrados nas plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo e Pepesic.

Portanto, visando uma breve reflexão sobre o assunto citado, tal trabalho trouxe algumas colocações do filósofo em face da importância dos instintos para a constituição do ser humano, almejando uma expressão dialética entre os limites e as suposições impulsivas em frente da formação e da trilha existencial do ser enquanto ser.

Fundamentação teórica

Antes de se adentrar de maneira mais específica em tais questões, faz-se necessário compreender que, para Nietzsche (1992), o ser humano apresenta dois domínios particulares, sendo eles: os espíritos apolíneo e dionisíaco. O primeiro espectro representa as características racionais e do pensamento que englobam alguns aspectos dos sujeitos, enquanto o segundo espírito concerne os caracteres mais naturais e instintos dos homens, definindo a afirmação de vida dos sujeitos (NIETZSCHE, 1992).

Para o autor, no Período Arcaico, estes espectros viviam em harmonia nos indivíduos, uma vez que tais elementos, apesar de suas diferenças caracterológicas, valorizavam a pluralidade dos sujeitos. Entretanto, com a ascensão do pensamento socrático, estes fatores começaram a romper com a harmonia arcaica, atingindo uma posição magnânima da razão como guia de todos os comportamentos humanos, subvertendo com a predominância da afirmação de vida em suas diretrizes (AMORIM, 2016).

Seguindo o raciocínio acima, o autor expõe que a pretensão difundida por Sócrates exprime uma objetivação perniciosa em face dos instintos presentes nos sujeitos, tendo em vista que todos os elementos de base não inteligível deveriam ser suprimidos e domados. Em meio das amarras ocasionadas, a razão toma para a si o trono das cosmovisões dos indivíduos, tornando-se tirana em frente dos demais fragmentos que compõe a pluralidade do viver (NIETZSCHE, 2001).

Nesse sentido, certas ferramentas, como a própria dialética, ao invés de gerarem uma suposta liberdade controlada pela consciência, acaba por resultar em consequências contrárias, tornando os homens escravos de sua própria moralidade padronizado e cadavérica. E nas constâncias famigeradas, o instinto e a própria afirmação de vida perdem suas forças, visto que aquilo que era vívido, torna-se opaco, abrindo espaço para construção de valores antinaturais (AMORIM, 2016).

A partir deste contexto, Nietzsche (1999) revela que os valores aristocratas, que definiam os mais nobres dos seres, foram reprimidos em meio dos valores dos sacerdotes, influenciando nos aspectos morais e valorativos da civilização ocidental, gerando um conjunto de sociedades pautadas no ressentimento. Demonstrando a importância do ressentimento para a construção da perspectiva nietzscheana, principalmente ao que concerne aos aspectos socioculturais e de sua influência na expressão dos sujeitos (FERRAZ, 1999;

TREVISAN, 2005; MOREIRA, 2010; PASCHOAL, 2011; PASCHOAL, 2012; FARIAS, 2013; BITTENCOURT, 2016; PASCHOAL, 2016; REGINSTER, 2016; ARRUDA, 2017; PONDÉ, 2019).

Com isso, por via da inversão valorativa dos ditos fracos, consolida-se a chamada moral de escravos, pois todos os elementos que começaram a reger as ações e atitudes dos indivíduos se baseiam em caracteres servis, ou seja, fatores voltados a astúcia, a autenticidade e a crítica em frente das exposições passam a serem vistos de uma forma pejorativa, fixando suas raízes no berço europeu ao longo dos séculos. Em que, tais inversões ultrapassam o domínio antigo socrático, atingindo as perspectivas dos pensadores subsequentes e as religiões que se consolidaram no âmbito ocidental, sobretudo, as de base cristã (AMORIM, 2016).

Visando compreender a expressão supracitada, o autor elabora o Método Genealógico caracterizado em uma análise histórica hipotética e linguística das raízes esboçadas pela civilização ocidental desde de seus primórdios (PASCHOAL, 2000; AZAMBUJA, 2013). Com base nesta metodologia, o pensador reflete sobre inúmeras questões especificadas, entre elas a importância dos instintos para a expressão dos sujeitos, em que, para Nietzsche (2007) os fatores instintuais são primordiais para a consolidação dos seres humanos, representando um dos elementos mais nobres para as suas amplas construções, incluindo sua própria formação constitutiva.

Levando em consideração tal afirmativa, o filósofo germânico relaciona que a crítica demasiada dos instintos parte de uma cosmovisão que tem seus pilares voltados ao ressentimento, integrando os aspectos dos fracos em suas gêneses sacerdotais (NIETZSCHE, 1999). Em outras palavras, as denúncias pautadas no dualismo e moralismo racionalista integram a força motriz da inversão dos valores, denegando os fragmentos mais naturais do seres humanos, influenciando em suas percepções e no modo de lidar com as experiências do existir.

Desse modo, em Assim Falava Zaratustra, Nietzsche (2003) esboça que os seres mais nobres conservam o pathos da distância, ou seja, guiam suas vidas partindo de sua própria perspectiva, não se limitando a virtudes e/ou concepções famigeradas, uma vez que os nobres se afastam da necessidade do julgamento do outro. No qual, o *übermensch* (além-do-homem) seria aquele que atravessa o deserto como camelo que carrega todo o peso dos valores tradicionais do berço ocidental, atingindo, *a posteriori*, a condição de criança que enxerga a realidade com uma inocência límpida, tendo mais contato com seus elementos mais naturais e instintuais.

Sendo assim, os instintos, para o autor, representam um dos fatores mais significativos para a constituição dos sujeitos, pois elucida a afirmação de vida pertinente ao existir, revelando que negar tais fragmentos, também seria negligenciar parte da condição dos seres humanos, de ser quem se é.

Discussão

Como mencionado, Nietzsche expõe a necessidade da valorização dos instintos para a consolidação do sujeito em sua trilha existencial, elaborando a ideia que os valores pautados nos aspectos naturais são primordiais para a chegada do além-do-homem, superando o idealismo do berço civilizatório. Em suma, os instintos vão além das partes propriamente corpóreas que compõe os seres, mas também englobam os fatores mais naturais e voltados a afirmação de vida dos seres humanos (BIERI, 2000; CAVALCANTE, 2001; NIETZSCHE, 2007; JACUBOWSKI, 2011; BECERRA, 2020;).

Adentrando em tal discussão, o pensador expressa que, após a inversão valorativa, os indivíduos se tornaram reféns de uma moralidade hiperbólica e de valores antinaturais, revelando a importância da quebra do ciclo instaurado por este fenômeno social (ANSELL-PEARSON, 1997; FERRAZ, 1999; BITTAR, 2003; ARALDI, 2008; CAMARGO, 2010; COTRIM; FERNANDES, 2011; GORI; STELLINO, 2014). Indicando, que esta suposição exprime uma nova forma de lidar, criticar e modificar as diretrizes impostas pelo modelo vigente das sociedades europeias, possibilitando uma cosmovisão edificada através das idiossincrasias e da pluralidade de ser quem se é, indo além dos esquemas pedrificados e valorizados no ideal de permanência (NIETZSCHE,2001).

Posto isto, Nietzsche (2003), em Assim Falou Zaratustra, comenta que para a superar os caracteres internalizados na civilização ocidental, o sujeito deveria atravessar um percurso árduo em meio do deserto que é o existir, passando por três estágios, como exposto na tabela abaixo:

Tabela 1: Os estágios para a chegada do além-do-homem

Camelo	No primeiro momento, o indivíduo é um camelo que carrega, em suas corcovas, todo o peso dos valores tradicionais da consequência europeia. Porém, apesar de sua aparência relativamente submissa, este ser contém a força de subverter com as amarras que o dominam.
Leão	Neste momento, após o rompimento dos pesos carregados em suas costas, os sujeitos adotam uma postura incisiva e colérica, criticando as imposições tradicionais que se fazem vigentes.
Criança	No último instante, o indivíduo deixa de ser leão e se torna criança em seu se dionisíaco, uma vez que exprime uma inocência em face da realidade do viver, reiterando os elementos mais naturais do seu espectro.

Fonte: Baseados nos argumentos encontrados em Nietzsche (2003).

Diante do exposto, percebe-se que os elementos instintuais são essenciais para a consolidação das ultrapassagens dos estágios para a chegada do *übermensch* em seu triunfar dionisíaco, visto que esta seria a superação do homem como conhecemos, permeando a distância do julgamento e do ressentimentos dos ditos, por Nietzsche, como fracós.

Dessa forma, a visão exposta por Nietzsche (2000; 2001; 2002; 2004; 2006;) em face dos instintos diverge de alguns dos grandes pensadores da humanidade, a exemplo de Barkeley (1973), Aristóteles (1979; 2007;), Hobbes (1983), Bacon (1999), Hegel (2000), Kant (2000), Platão (2002), Campanella (2004), Locke (2004), More (2005), Rousseau (2008), entre outros.

Por fim, através das afirmativas citadas, conclui-se que o instinto compõe um valor significativo da expressão dos indivíduos, indo além de uma mera fragmentação

dos fatores corpóreos, visto que a natureza instutual também perpassa a trilha existencial no movimento de torna-se quem se é.

Considerações finais

Por via deste trabalho, buscou-se analisar a importância do elemento institutual em frente da formação da constituição do ser humano, ultrapassando o domínio superficial da natureza dos indivíduos. Além disso, tal postulado almeja influir ante estudos futuros que objetivem temáticas semelhantes, lapidando o arcabouço teórico-prático dos âmbitos da Filosofia e Psicologia.

Referências

AMORIM, Richard. **Filosofia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bernoulli, 2016.

ANSELL-PEARSON, Keith. Nietzsche como pensador político: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como crítico da moral. Revista *Dissertatio de Filosofia*, v. 28, p. 33-51, 2008.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. In: Os Pensadores vol.II. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo. Abril Cultural, 1979.

ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

ARRUDA, Ana Luiza Gardiman. A pena e a moral do ressentimento em Nietzsche. *Revista Pensamento Jurídico*, v. 10, n. 2, 2017.

AZAMBUJA, Celso Candido. Introdução ao método genealógico de Nietzsche. *ethic@- An international Journal for Moral Philosophy*, v. 12, n. 1, p. 127-142, 2013.

BACON, F. Nova Atlântida. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Col. Os Pensadores).

BECERRA, Pablo Martínez. Nietzsche y el devenir vital: de lo inorgánico a lo orgánico. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia**, v. 43, n. 4, p. 283-308, 2020.

BERKELEY, GEORGE, Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano & Três Diálogos entre Hylas e Filonous em Oposição aos Céticos e Ateus. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores vol. XXIII).

BIERI, Andrea. Os estilos em Nietzsche. **O que nos faz pensar**, v. 11, n. 14, p. 121-144, 2000.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Nietzsche: niilismo e genealogia moral. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 98, p. 477-501, 2003.

BITTENCOURT, Renato Nunes. O ressentimento como problema fundamental em Nietzsche. **TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência**, v. 9, n. 1, 2016.

CAMARGO, Gustavo Arantes. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. **TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência**, v. 1, n. 2, 2010.

CAMPANELLA, Tommaso. A Cidade do Sol. São Paulo: Martin Claret, 2004
Companhia das Letras, 2004.

CAVALCANTE, José Maurício Maciel. O Anticristo de Nietzsche: uma leitura. 2001.

COTRIM, G. Fundamentos da filosofia: história e grandes temas. Rio de Janeiro: Saraiva, 2007

COTRIM, G.; FERNANDES, M. Filosofar. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

DESCARTES, RENÉ. Meditações Metafísicas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Enrico Corvisieri

FARIAS, Ícaro Souza. Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche. Revista Húmus, v. 3, n. 7, 2013.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Nietzsche. Cadernos Nietzsche, n. 7, p. 27-40, 1999.

GORI, Pietro; STELLINO, Paolo. O perspectivismo moral nietzschiano. Cadernos Nietzsche, v. 1, n. 34, p. 101-129, 2014.

HEGEL, G.W.F. “A Razão na História: Uma Introdução Geral à Filosofia da História”. Introdução de HARTMAN, Robert S.; Centauro Ed. SP, 2001.

HOBBS, Thomas. Leviatã. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). 3. ed. São Paulo: AbrilCultural, 1983. Col. Os Pensadores.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. 5a Edição. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LOCKE, John. Segundo Tratado sobre o Governo. In: Os pensadores. Trad. Anuar Aiex e E. Jacy Monteiro. 2o Ed. São Paulo: Abril Cultural: 2004

MORE, Thomas. A Utopia. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005

MOREIRA, Antônio Rogério da Silva. Nietzsche: o ressentimento e a transmutação escrava da moral. 2010.

NIETZSCHE, F. W. Aurora. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: 2004

NIETZSCHE, Ecce Homo. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2006 Nietzsche, F. Crepúsculo do Ídolos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

. NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22).

NIETZSCHE, Friedrich. O anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Editora Companhia das Letras, 2007

NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1992

NIETZSCHE,, Genealogia da Moral (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras , 1999

NIETZSCHE,, Humano Demasiado Humano (tradução de Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE. Além do Bem e do Mal (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras , 2a ed. 2002.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Da polissemia dos conceitos “ressentimento” e “má consciência”. Revista de Filosofia Aurora, v. 23, n. 32, p. 201-221, 2012.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Nietzsche e Dühring: ressentimento, vingança e justiça. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 33, p. 147-172, 2011.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. O procedimento genealógico de Nietzsche. Revista Diálogo Educacional, v. 1, n. 2, p. 1-170, 2000.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. 4, p. 34-43, 2016.

PLATÃO. República. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de PLATÃO. Timeu. Tradução C. A. Nunes. Belém: Ed. Universidade Federal do Pará, 1986.

PONDÉ, Luiz Felipe. A era do ressentimento. Globo Livros, 2019.

REGINSTER, Bernard. Ressentimento, poder e valor. Cadernos Nietzsche, v. 37, n. 1, p. 44-70, 2016.

ROUSSEAU, Jean Jacques – Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens / Jean Jacques Rousseau; [introdução de João Carlos Brum Torres]; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2008.

RUBIRA, Luís. O amor fati em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração? Polymatheia–Revista de Filosofia. Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 227-236, 2008.

TREVISAN, J. F. Nietzsche e o ressentimento: um estudo em Psicologia Social. 2005. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) __Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

JACUBOWSKI, Felipe Renan. Nietzsche: o discurso de Zaratustra contra os desprezadores do corpo. **Theoria-Revista Eletrônica de Filosofia**, v. 3, n. 6, 2011.